

# Debates sobre a compreensão do fenômeno turístico: perspectivas entre a literatura, estudantes da área e representantes da sociedade civil brasileira

Josefa Laize Soares Oliveira

**Resumo** | As representações do turismo como um fenômeno socioeconômico é uma temática que recebeu atenção de pesquisadores desde a década de 1970. No Brasil, evidencia-se que desde o processo de acessão desta área no ensino superior, os paradigmas sociais de suas atividades como motopropulsores da economia, abrem espaço para reflexões em torno de sua validade disciplinar científica. À medida em que os pesquisadores direcionam o olhar para a importância educacional do turismo, analisa-se a hipótese de que existe uma incompreensão do fenômeno, tanto na visão da comunidade acadêmica, quanto para suas representações na sociedade civil. Conseqüentemente, é possível que tal estranhamento implique em uma espécie de rebaixamento do turismo como mero objeto de estudos. Este estudo integra a compreensão entre a teoria e o empirismo das representações atribuídas ao fenômeno turístico. Ao propor análise qualitativa, a pesquisa é resultado de entrevistas abertas direcionadas a 112 participantes. Assim, evidenciou-se pontos comuns entre percepções, ao mesmo tempo que um distanciamento entre as respostas dos entrevistados. Tais percepções possuem um destaque relevante e trazem ao debate um campo que necessita ser explorado e compreendido em sua totalidade. A compreensão teórica sobre <o que é turismo?> pressupõe análises amplas e aprofundadas em contrapartida ao entendimento da área em determinados contextos. Nossos resultados sugerem a importância de ampliar esta linha de estudos para as diferentes perspectivas e vertentes, defendendo assim possibilidades de definições fidedignas às realidades que compõem o fenômeno turístico.

**Palavras-chave:** turismo; educação em turismo; conceitos em turismo.

## 1. Introdução

Nas premissas das primeiras definições pela Organização Mundial de Turismo (OMT), conceitua-se turismo como uma atividade que sugere valor socioeconômico para a sociedade (OMT 1937 e 1963). No Brasil, ao analisar os estudos de pensadores pioneiros da área, percebe-se que as bases reflexivas deste fenômeno são provindas das Ciências Econômicas (Cançado, 1976; Sucupira, 1976; Menezes, 1979; Hissa, 1980; Rabahy, 1980; Beni, 1981) e da Sociologia (Araújo, 1982; Pelizzer, 1982; Wada, 1989), com visões planejadoras e desenvolvimentistas das atividades turísticas<sup>1</sup>. A ideia de representar um setor gerador de emprego e renda, ou lado hedonista do ser humano de estar inserido em alguma atividade profissional ou estudantil [as férias e o descanso], sendo o deslocamento humano um elemento para a renovação das energias, também está inserida na sociedade civil brasileira.

<sup>1</sup>Tais perspectivas estão expostas na obra *Viagem na Memória: Guia histórico das viagens e do turismo no Brasil*, do professor Luiz Gonzaga Godoi Trigo (2000), onde autor, entre outras linhas do tempo, relaciona uma cronologia sobre as primeiras dissertações de mestrado e teses de doutorado da área produzidas no Brasil. Condenado ao paradigma de campo temático de investigação de diversos domínios do conhecimento, é possível dizer que a principal corrente do turismo — o capitalismo — é um reflexo recôndito do rigor metodológico atribuído ao estudo e às pesquisas nesta área, pelo menos no Brasil. Tal reflexão vai de encontro a institucionalização do turismo no ensino superior nacional. Quando a academia adota perspectivas operacionais e tecnicistas induzidas

por cenários econômicos oportunos da década de 1960 (Matias, 2002; Celeste Filho, 2012; Silveira, Medaglia & Gandara, 2012), percebeu-se uma ênfase mercadológica nas abordagens do fenômeno — o que refletiu nos moldes dos cursos disponíveis na área (Ruschmann, 2002; Rejowski, 2013; Cortezi, Lara & Oliveira, s.d.).

Globalmente, a influência de variáveis provindas, principalmente, das Ciências Econômicas nas investigações (Oliveira, 1998; Palomo, 1990; Santos & Kadota, 2012), e o espaço pendente da filosofia crítica e teórica (Fuster, 1991; Panosso Netto, 2011; Panosso Netto & Nechar, 2014), evidenciam pontos críticos nos estudos, e pode-se dizer que, como consequência, na disseminação do conhecimento da área para a sociedade. Ao considerar a hipótese de que existe uma incompreensão empírica do fenômeno turístico, tanto na visão de estudantes de turismo, quanto para a sociedade civil brasileira, levanta-se a seguinte questão: Quais são as representações do turismo no Brasil?.

No âmbito acadêmico, é possível dizer que definições conceituais pouco aprofundadas expressariam uma problemática sobre a incompreensão do fenômeno turístico em sua totalidade, ou quanto sua importância para além dos aspectos econômicos. Como abordado em Tomillo Noguero (2010), o turismo converteu-se em um fenômeno de estudo cada vez menos aprofundado, focado em outros campos do conhecimento. Nesse pensamento, a importância que o turismo tem para a sociedade contemporânea e a necessidade de criar conceitos que despertem o interesse dos pesquisadores de outros campos de estudo para o turismo justificam a elaboração deste artigo. Assim, ao considerar o papel da universidade, conta-se com possibilidades de remanejar o estranhamento do turismo como mero objeto de estudos.

As visões aqui discutidas ajudam a ampliar o simbolismo das representações em torno do que se entende por turismo em três perspectivas: a dos estudantes, a visão da sociedade civil, e o que se discute na literatura. As discussões fundamentam-se nos conceitos teóricos básicos da área e nas representações empíricas de 112 respondentes. Dadas essas primeiras considerações, este estudo divide-se em eixos temáticos que compreendem cinco aspectos do turismo como um fenômeno: ambiental, econômico, histórico/cultural, filosófico e social. Os resultados evidenciam ao longo do debate um campo que necessita ser explorado e compreendido com maior profundidade, ainda que se apresentem limitações.

## **2. Revisão de Literatura**

### **2.1 O que é turismo? Considerações iniciais**

Turismo é movimento de pessoas, é um fenômeno que envolve, antes de mais nada, gente. É um ramo das ciências sociais e não das ciências econômicas, e transcende a esfera das meras relações da balança comercial. [...] O turismo, permitindo ao indivíduo que se distancie de seu meio e de seu cotidiano, torna-se cada vez mais uma necessidade para o bem-estar humano (Barreto, 1993, s/n)<sup>2</sup>.

Embora o conceito de turismo seja interpretado de diferentes maneiras (Fuster, 1974; Jafari & Ritchie, 1981; OMT, 1992; Leiper, 2000; Nechar & Cortés, 2006; Jamal & Robinson, 2009; Beni e Moesch, 2016), tanto na linha teórica, epistemológica ou empírica, é consenso que as definições correspondem ao fluxo de pessoas, espaço, viagem, prazer, movimento, relações interpessoais e serviços, no qual o fenômeno é definido por meio do ponto de vista temporal e atemporal. Neste sentido, diante da complexidade do fenômeno turístico, a denominada <ciência do turismo>, reúne as contribuições de estudos científicos entre as áreas do conhecimento que com ele interagem (Margoni, 2015). Assim, destaca-se a importância dos estudos epistemológicos (Coriolano, 2005; Panosso Netto, 2007; Campodónico & Chalar, 2010; Nechar, 2011; Panosso Netto & Nechar, 2014; Beni & Moesch, 2016) para o estabelecimento dos alicerces científicos deste campo de estudos.

Na atualidade, a definição de turismo com maior notabilidade é disserta pela Organização Mundial do Turismo (OMT, 1992, p. 19). Por esta premissa, define-se o fenômeno como a “soma de relações e de serviços resultantes de um câmbio de residência temporária e voluntária motivada por razões alheias a negócios ou profissionais”. Nesta ideia de deslocamento humano, Fuster (1974) analisa o turismo como um fator relacionado ao vencimento do espaço para pessoas que vão a um local no qual não têm residência fixa. Assim, propõe: O “turismo é o conjunto das relações e dos fenômenos produzidos pelo deslocamento e permanência de pessoas fora do seu local de domicílio, sempre que ditos

<sup>2</sup>Prefácio para os livros da coleção Turismo, da editora Papyrus, disposto no livro Turismo e Qualidade: Tendências contemporâneas (Trigo, 1993).

deslocamentos e permanência não estejam motivados por uma atividade lucrativa” (Fuster, 1974, p. 27).

Nos traçados da história da humanidade, o deslocamento voluntário ou involuntário de pessoas existe desde tempos mais remotos. No desenvolvimento das sociedades modernas, por exemplo, o nomadismo, as expansões marítimas no mediterrâneo, e as peregrinações na idade média, são exemplos de viagens com diferentes motivações, desde religiosidade, saúde [cita-se como exemplo o termalismo], domínios territoriais, e as intenções comerciais dos romanos na antiguidade clássica. Assim, a evolução dos modais de transporte no final do século XIX marcou o turismo como uma das premissas da viagem contemporânea.

Amaral Júnior (2008, p. 34-35), reflete que “provavelmente, a primeira viagem com propósitos de paz e turismo tenha sido feita pela Rainha Hatshepsut indo para as terras de Punt, ao norte da África, em 1480 a.C”. Todavia, no contexto de amadurecimento das viagens na civilização ocidental, remonta-se a nomenclatura <turismo>, desde o ano de 1800 (Moesch, 2002, p. 10). Nesta linha periódica, Molina (2003), discute o desenvolvimento do turismo moderno em três fases: 1) O Pré Turismo/*Grand Tour* como um marco de origem do turismo moderno; 2) O Turismo Industrial; e 3) O Pós Turismo.

A primeira fase, denominada *Grand Tour*, é representada no seio da cultura erudita britânica.

Em resumo, eram promovidas viagens à Europa em formato de rito de conhecimento cultural, com o propósito de complementar a educação de jovens aristocratas entre os séculos XVIII e XIX (Barreto, 1996). Ao passo que se evoluiu a chamada Era Industrial, na metade do século XX, se condicionou o desenvolvimento do turismo no viés capitalista em cidades diagnosticadas com declínio econômico, como Barcelona, na Espanha (Swarbrooke, 2000). Consequência de melhorias na qualidade dos transportes de superfície, as viagens tornaram-se acessíveis e massificadas, e o turismo passou a ser caracterizado como uma <indústria sem chaminés> (Swarbrooke, 2000; Boullón, 2002).

Às faces da Nova Ordem Internacional, gestores públicos começaram a investir fortemente no turismo como meio de lucratividade (Swarbrooke, 2000). Com isso, a fase denominada *Turismo Industrial* é descrita como o fator consolidador da área como um dos campos propulsores da economia mundial (Oliveira, 1998; Palomo, 1990). Nesta evolução, exclusivamente no contexto das viagens, o turismo é interpretado pelo deslocamento por prazer<sup>3</sup>, ou por motivos comerciais, profissionais e outros análogos (Fuster, 2001). Assim, aconteceu o chamado *boom* turístico: destinos superlotados e com infraestrutura questionável (Almeida-García, Cortés-Macías & Balbuena Vázquez, 2019; Sans & Milano, 2019)<sup>4</sup>.

Ao tratar o turismo como uma indústria sem chaminés, *à priori*, não pensava-se sobre os impactos das ações frente ao seu desenvolvimento. Como consequência, na perspectiva de planejamento das atividades turísticas, teóricos de diferentes campos do conhecimento começaram a compreender a complexidade das reflexões que envolvem este fenômeno (por exemplo, Arthur Burkart, da Filosofia; Erick Cohen, da Antropologia; Joffre Dumazedier, da Sociologia; Josef Mazanec, da Economia; Richard Butler, da Geografia). Diante de sua complexidade, as definições do turismo não apresentam um conceito único (Arrillaga, 1976; Martínez, 2005; MacCannell, 2011). Assim, cabe ressaltar que as compreensões desta área resultam de vários processos interpretativos teóricos dentro de suas abordagens — o que caracteriza o turismo como um campo de estudos interdisciplinar, multidisciplinar, ou transdisciplinar.

Jafari (2005), por exemplo, ao criar um modelo de produção do conhecimento em turismo relacionou 18 (dezoito) disciplinas articuladas aos estudos da área, a saber: Sociologia; Economia; Psicologia; Antropologia; Ciências Políticas; Geografia; Ecologia; Agricultura; Parques e Recreação; Planejamento Urbano e Regional; *Marketing*; Direito; Administração; Transporte; Administração de Hotéis e Restaurantes; Educação; Religião e História. Vale ressaltar que, como disciplina científica, o turismo possui um objeto de estudo: o *homo turisticus*, como nomeia Fuster (1974). Nestas reflexões humanísticas de interpretação do turismo como um fenômeno discute-se a área como um conjunto de turistas, cada vez mais numerosos, e que sua interpretação deriva das relações que esta massa produz em decorrência de suas viagens (Fuster, 2001).

<sup>3</sup> Aqui reflete-se sobre as reduções da jornada de trabalho no século XX e o direito ao lazer das classes operárias.

Para saber mais sobre esta passagem indicamos a leitura de obras como *Tratado da sociologia do trabalho*, de Friedmann (1973), *Sociologia empírica do lazer*, de Dumazedier (1979), e *O capital: Crítica da economia política*, de Marx (1989).

<sup>4</sup> Na atualidade, uma questão amplamente discutida, tanto na agenda de grupos sociais quanto em discussões acadêmicas, é a gentrificação — fenômeno definido por Ruth Glass (1964 [em Smith, 1996, p. 20; Pavel, 2015, p. 70; Martins, 2019, p.1]), como uma mudança da posição econômica de um lugar sob o ponto de vista do mercado imobiliário, e que vem a transformar também os serviços existentes, assim como a qualidade física e suas características sociais.

Por sua vez, a fase denominada <Pós Turismo>, é caracterizada pelos avanços tecnológicos gradativos. Nela, reflete-se sobre os fenômenos sociais que decorrem do turismo como uma indústria e seus impactos (Molina, 2000). Aqui, a competitividade entre destinos é um aspecto marcante. Assim, enquanto são abordados temas como a satisfação dos turistas nos destinos (Yoon & Uysal, 2005), questiona-se sobre a autenticidade da atividade turística (Sun Tung & Ritchie, 2011). De um lado, existe uma reflexão sociológica bem difundida, na qual, a viagem é interpretada como um elemento de repouso físico e emocional (Krippendorf, 1989; Dann & Cohen, 1991; Urry, 1991). Por outro lado, para além do pensamento sobre variações de demanda, *marketing*, produtos e serviços, etc (Britton, 1982; Pleumaron, 1994; Oh, Fiore & Jeoung, 2007), discute-se sobre a chamada economia da experiência, defendida por autores como Pine e Gilmore (1998), e Panosso Netto e Gaeta (2019).

No âmbito acadêmico, é possível dizer que definições conceituais pouco aprofundadas expressariam uma problemática. Tomillo Noguero (2010), por exemplo, reflete que o turismo converteu-se em um fenômeno de estudos cada vez menos aprofundado, focado em outros campos do conhecimento. Com isso, reflete-se que a incompreensão do fenômeno em sua totalidade, ou sua importância para além dos aspectos econômicos, pressupõe a necessidade de criar conceitos que despertem o interesse dos pesquisadores de outros campos de estudo. Ao refletir sobre a importância que esta área possui nas sociedades contemporâneas torna-se fundamental a compreensão sobre os aspectos educacionais que o constituem, bem como os desafios e as possibilidades reflexivas em torno de teorias e princípios básicos.

## **2.2 Ensino e pesquisa do turismo no Brasil**

As representações do turismo como um fenômeno de desenvolvimento socioeconômico é uma temática que recebeu atenção desde sua ascensão no ensino superior nacional, em 1971. A obra *40 anos de turismo na ECA: Memórias e análises*, traz pontos importantes que corroboram com tal reflexão. Os primeiros docentes do Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo (CRP), da Escola de Comunicação e Artes, da Universidade São Paulo (ECA/USP) — um dos cursos pioneiros no país (1972), portanto, de influência no país — possuem como base de formação a Economia e a Sociologia (entre eles Beni; Rabahy; Rocha Penteado; Souza; Carrato, e Levy [Beni, 2013, como citado na p. 35]).

Em primeiro plano, observa-se que em países emergentes, enquanto analisa-se as potencialidades do turismo como um dos campos mais importantes da economia mundial (Goeldner, Ritchie & Mcintosh, 2002; Khan, Bibi, Lorenzo, Lyu & Babar, 2020), reflete-se sobre sua importância na geração de divisas, emprego, e renda (Haddad, Porse & Rabahy,



embora o *software* utilizado reconheceu determinados termos como singulares, por exemplo, turística e turístico, as análises foram coletivizadas em categorias — o que possibilitou a pluralidade presente em palavras chaves e títulos das publicações analisadas.

Ao observar pouca ênfase na abordagem teórica (Gomes & Rejowski, 2005; Silva, Dantas, Medeiros & Nóbrega, 2018)<sup>6</sup>, a medida em que os pesquisadores direcionam o olhar para os aspectos educacionais (Teixeira, Fletcher & Westlake, 2001; Fonseca Filho, 2007; Manhães & Locatelli, 2011; Sogayar & Rejowski, 2011; Mota & dos Anjos, 2012; Carvalho, Fernandes & Pereira, 2017) e epistemológicos do turismo (Panosso Netto & Nechar, 2014), os paradigmas sociais das atividades turísticas como motopropulsores econômicos, abrem espaço para reflexões pouco aprofundadas na filosofia, e levam a questionar a validade disciplinar científica do fenômeno.

Nestas perspectivas, refletiu-se sobre a hipótese de que existe uma incompreensão empírica do fenômeno, tanto na visão dos estudantes da área quanto para representações na sociedade civil brasileira. Tal hipótese foi formulada a partir da reflexão de que é possível que tal estranhamento conceitual implique em uma espécie de rebaixamento do turismo como mero objeto de estudos, tal como apontam os estudos.

No panorama brasileiro, no que concerne à pesquisa, ensino e estudo do turismo, revela-se um paradoxo. O ensino superior do turismo no Brasil surgiu no momento em que a universidade passava por modificações, isto é, buscava-se dar à formação educacional um caráter profissionalizante para atender as necessidades do mercado, o qual demandava por profissionais treinados para desempenhar funções de produção em série padronizada (Matias, 2012). Positivamente, a institucionalização da área no ensino superior lhe permitiu maior

<sup>6</sup> Aqui, destacamos também a Edição Especial da Revista de Turismo Contemporâneo, vol. 4 (2016). Nesta edição as publicações versam exclusivamente sobre os aspectos teóricos e epistemológicos do fenômeno turístico — até onde constatamos, a única edição especial voltada para estes aspectos entre as revistas analisadas. (Fonte: <https://periodicos.ufrn.br/turismocontemporaneo/issue/view/504>).

enfoque intelectual (Celeste Filho, 2012; Silveira, Magdala & Gândara, 2012). Em contrapartida, evidenciou-se que a falta de docentes especializados em turismo no país refletiu na qualidade dos cursos oferecidos (Trigo, 1999). Concorda Ruschmann (2002), ao complementar que este seria um grande desafio para os gestores das instituições de ensino superior — portanto, conseqüentemente, um desafio para a transmissão de conhecimento e reflexões aprofundadas neste campo. Assim, problematiza-se a falta de rigidez nos processos de pesquisa do fenômeno e dos estudos aplicados à área.

A falta de rigidez nos estudos e pesquisa em turismo como um problema, acompanha a ideia de que a área como campo suscetível às dinâmicas globais carece de atualização e aprofundamento sobre as conjunturas do qual está exposto (Rejowski & Carneiro, 2003). Assim, o aprofundamento dos estudos em turismo é importante por dois aspectos: Porque “promove uma revisão sistemática do que é o legítimo conhecimento turístico” [...], e porque “ainda não há acordo sobre o mapa ou as fronteiras dos estudos turísticos” (Tribe, 1997, p.



639). Ademais, a relevância de tratamento desta abordagem está na necessidade de adaptação dos acadêmicos na busca, filtragem e sofisticação do conhecimento — vinculada aos avanços tecnológicos dos meios de comunicação e ao acesso à informação (Dowbor, 1996) —, nas possibilidades de transformação sobre realidades conjunturais, decorrentes de ações certeiras, seguras e previsíveis desse conhecimento densificado (Luckesi, 2005), nos indicadores de cientificidade do turismo (Jafari, 1994; Ascânio, 2010), e nos aspectos disciplinares que envolvem as pesquisas neste campo (Rejowski, 1994).

Ao refletir sobre o turismo como área ou disciplina científica recém desenvolvida (Rejowski, 1994; Jafari, 2005), é possível que as consequências de reflexões pouco aprofundadas na totalidade do fenômeno podem implicar nos efeitos promissores das pesquisas neste campo, e no conhecimento produzido nas áreas que se interligam a este, tais como hospitalidade e lazer, por exemplo. Ressalta-se que deve-se considerar a importância econômica que o turismo exerce sobre sua história, “a maior indústria do mundo” — tal como expresso por Jafari (2005, p. 55 [tradução livre]). Contudo, salienta-se a necessidade reflexiva através da ótica filosófica, epistemológica, e teórica — não necessariamente considerando o turismo no *status* de ciência, mas reconhecendo que apesar dos paradigmas no entorno dos pensamentos que englobam a área existe a tal necessidade (Panosso Netto, 2007).

Para entender a importância e complexidade do turismo nas sociedades pós-industriais — ressaltando que aqui reflete-se sobre a realidade brasileira —, é preciso compreendê-lo, entre diversos aspectos, como fenômeno ambiental, econômico, filosófico, histórico e social. À luz das ciências sociais aplicadas, tais abordagens não explicariam o fenômeno turístico em sua totalidade, no entanto, são o foco deste estudo. A fim de desbravar tais compreensões este estudo caracteriza-se como qualitativo.

### **3. Metodologia**

#### **3.1 Delineamento Metodológico e Procedimentos**

Considerado o objetivo de integrar conceitos teóricos fundamentais na área e os simbolismos empíricos atribuídos ao que se entende por turismo, este estudo fixa-se em uma abordagem qualitativa (Marconi & Lakatos, 2003). Assim, esta pesquisa caracteriza-se como exploratória (Severino, 2013), e fundamenta-se em levantamentos bibliográficos e documentais de natureza livre. Em primeiro momento, revisou-se as publicações de seis revistas científicas brasileiras na área: Revista Acadêmica do Observatório de Inovação do Turismo (2006-2015); Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo (RBTUR [2007-2021]); Revista Turismo - Visão e Ação (1998-2021); Revista Turismo em Análise (1990-2020); Caderno Virtual de Turismo (2001-2021); e Revista de Turismo Contemporâneo (RTC [2013-2021]).

Ressalta-se que os recortes temporais de análise para cada revista correspondem a disponibilidade dos arquivos em suas respectivas bases de dados. Este levantamento visou evidenciar as principais abordagens articuladas ao fenômeno turístico no país por meio de



palavras-chave e títulos de artigos. Na análise de cerca de 1.718 artigos, constatou-se uma ênfase nos aspectos do planejamento e desenvolvimento das atividades turísticas, e poucas pesquisas relacionadas à teoria, epistemologia e educação. Tal articulação ajudou a construir os argumentos que compõem a justificativa e a problemática desta pesquisa.

Como método de pesquisa, foram realizadas entrevistas abertas direcionadas a um mínimo de 90 (noventa) possíveis respondentes. O questionário teve início em 21/10/2020, e foi finalizado em 27/10/2020 com a escrita de 112 participantes que responderam via plataforma *Google Forms*® à seguinte questão: O que é turismo?. O objetivo de elaborar uma pergunta simples, do ponto de vista acadêmico, foi atribuir o mínimo possível de influência na resposta dos participantes — solicitou-se, portanto, que os participantes considerassem não consultar respostas disponíveis em quaisquer bases de dados. Para a análise qualitativa do *corpus* textual [respostas dos entrevistados] utilizou-se o *software WordClouds* — o que permitiu gerar termos entre esses *corpus* e estruturação de uma nuvens de palavras [Figuras 2 e 3]. Para tanto, os termos foram categorizados e sub categorizados em grupos de análise.

A maioria dos entrevistados são estudantes ou pesquisadores em turismo, em nível técnico, graduação ou pós-graduação, sendo que foram entrevistadas 58 estudantes e 55 representantes da sociedade civil, totalizando 112 respostas. As categorias de análise pré-estabelecidas encontram-se no contexto das respostas dos entrevistados, tanto nas narrativas dos estudantes quanto da sociedade civil. As principais abordagens fundem-se nos seguintes temas: mobilidade, conhecimento, elementos de impacto da atividade turística. Neste ponto, ressalta -se que ao final realizou-se breve comparativo entre as diferentes perspectivas nos eixos ambiental, econômico, histórico, filosófico, e social do fenômeno turístico.

## **4. Resultados e Discussões**

### **4.1 O que é turismo? Perspectivas de estudantes da área**

A análise do turismo como um fenômeno de descolamento das sociedades contemporâneas pressupõe o desbravamento de novos lugares e o desenvolvimento econômico de localidades turísticas. Em maior destaque, estas perspectivas foram expressas no discurso dos alunos entrevistados. Nas análises por categorias, por exemplo, vários termos foram atribuídos a esta ideia: deslocamento, fenômeno, culturas, lazer, lugares, atividades e negócios [Figura 2]. Os aspectos dominantes destas reflexões giraram em torno da mobilidade e de algumas das necessidades humanas básicas<sup>7</sup>, caracterizando o turismo como um fenômeno de ordem social, econômica, ambiental, cultural, industrial e sistemática.



“É o que se faz quando se conhece um novo lugar, e quando retorna a esse lugar, que não é de frequência. Pode ser desde ir a um parque ou outro equipamento cultural da sua própria cidade, ou outra cidade, estado ou país”  
(Entrevistado C).

---

“É cultura ,história do lugar ,passeios ecológicos, comidas típicas, sustentabilidade e pessoas formadas na área!”  
(Entrevistado D).

---

“A razão pela qual trabalho, é para tirar férias” (Entrevistado E)

---

“É uma necessidade psicossomática que nasce com as primeiras sociedades e acompanha o ser humano desde os primórdios, hoje se transfigura na curiosidade do homem moderno de buscar o ser nos outros seres”  
(Entrevistado F).

---

Nos aspectos históricos, culturais e de conexão entre povos, ao identificar diferentes perspectivas, a resposta de um dos entrevistados chamou a atenção. O turismo foi compreendido para além de uma disciplina ou setor econômico — seria um fenômeno representativo de desconstrução de preconceitos culturais. Para refletir, tal preconceito caracteriza tanto a xenofobia quanto a hostilidade entre turistas e residentes. Este aspecto nos leva a refletir sobre a chamada <turismofobia>, um neologismo associado a aversão ao turismo massificado e que reflete na recepção dos turistas que chegam a determinado destino — atualmente tal efeito é discutido por estudiosos da área e por grupos sociais de cidades como Barcelona, na Espanha. Nesta premissa, na visão de alguns estudantes, o turismo foi caracterizado como um promotor da paz mundial.

---

“Turismo é conexão, é a oportunidade de expandir a consciência e os saberes, aprender com a cultura do próximo, perder preconceitos. Turismo é a oportunidade de promover a paz mundial. Turismo é mais que uma disciplina, é mais que um setor econômico.... turismo é vida, turismo é amor” (Entrevistado G).

---

Na linha das trocas interculturais, as experiências de contato social expressaram a aquisição de autoconhecimento através de tais conexões. Esta ideia de autoconhecimento parece estar relacionada à auto-realização, e mais evidentemente à propensão humana de deslocamento imaginário. Na busca pela autenticidade das experiências em turismo, a auto-realização interior está muito além da contemplação das belezas de um determinado destino — é o que também expressa a resposta de um dos alunos. A procura pelo <eu interior> seria uma viagem de reencontro, ou de encontro pessoal, com valor de ressignificação existencial, uma viagem de égide espiritual ou astral.

---

“Turismo são novas experiências, é o contato com novos locais, culturas, paisagens. É mais que deslocar-se de uma cidade a outra, é redescobrir, se conectar. Turismo também é lazer, retorno econômico, mas devemos pensar a atividade para além desses aspectos, pensando nas questões sociais, envolvendo a comunidade local em todos os processos e tomadas de decisões” (Entrevistado H).

---

“Fenômeno de deslocamento (físico, virtual ou imaginário) entre sua própria casa e o mundo externo, alterando seus hábitos e costumes momentaneamente em busca de vivenciar, absorver, consumir ou até adquirir uma nova cultura ou um novo espaço” (Entrevistado I).



associado à ideia de transformação social e de manifestações estéticas conscientes — relacionando o turismo à arte, por exemplo. Na linha de transformação de realidades locais, reflete-se sobre o planejamento articulado do turismo nas premissas do desenvolvimento sustentável. O estabelecimento deste planejamento revela sua importância ao refletir sobre os efeitos de um desenvolvimento mal articulado de localidades potencialmente turísticas, o que pode acarretar em maiores prejuízos que benefícios para comunidades de residentes.

Como um modelo de destino impactado negativamente pelo turismo, um dos entrevistados citou a cidade de Praia Grande, no litoral sul de São Paulo. Vale ressaltar que os panoramas que desenvolveram o turismo local, como a urbanização da orla e as facilidades no acesso a rodovias que se interligam ao destino, gerou consequências como a massificação e a hostilidade entre turistas e residentes. Assim, outro comentário chamou atenção ao criticar a superficialidade das viagens contemporâneas, uma discussão que leva a refletir sobre a autenticidade das experiências turísticas: a construção de uma imagem por meio do *marketing* e a realidade por trás destas ações de comunicação, por exemplo.

---

“Turismo é a arte de descortinar o mundo” (Entrevistado J).

---

“O turismo tem o papel de transformar a realidade de comunidades, tendo efeitos positivos ou negativos nas cidades onde é implantado, como os efeitos negativos na cidade de Praia Grande” (Entrevistado K).

---

“O turismo deve ser uma forma de conhecimento social, já que as pessoas vistam lugares pela curiosidade de entender determinadas realidades, mesmo que com a superficialidade da qual a maioria das pessoas viajam hoje em dia.” (Entrevistado L).

---

A importância do turismo na transformação de realidades locais também foi atribuída ao conhecimento educacional e organizacional. Por exemplo, como campo gerador de conhecimento, algumas respostas nesse grupo de entrevistados mostraram que a partir das preocupações sobre as questões sociais que envolvem o fenômeno turístico surgem inquietudes acerca de destinos turísticos insustentáveis. Nestas perspectivas humanísticas, alguns dos entrevistados refletiram sobre o turismo como um elemento de preenchimento do tempo livre, além de promotor de conexões com ambientes naturais e entre comunidades receptoras. Assim, ao longo dos comentários os seguintes termos foram destacados: entretenimento, lazer, atividade, viajar, lugar e lugares.

---

“Uma forma de organização educacional que pode mudar a realidade de um lugar” (Entrevistado M).

---

“O turismo é um meio de adquirir cultura pela descoberta de lugares e o costume de seus povos, história de atrativos turísticos, da cultura local e suas peculiaridades, etc, promovendo transformações sociais” (Entrevistado N).

---

“É o deslocamento de uma pessoa para outra localidade que não seja a sua, em busca de entretenimento, repouso e/ou conhecimento” (Entrevistado O).

---

“É uma indústria de conhecimento, comércio e entretenimento” (Entrevistado P).

---

Para além destas reflexões, a faceta do turismo como uma indústria é referenciada em seu aspecto de exploração comercial. Por exemplo, as mobilidades turísticas foram citadas como um elemento de troca monetária, sugerindo o fenômeno como provedor de circulação econômica passageira. Esta ideia está relacionada a perspectivas do turismo como uma mercadoria provinda do capitalismo, propondo o fenômeno como campo gerador de divisas em suas versões práticas.

---

“Imagino que seja uma maneira que o capitalismo criou para gerar lucro com o movimento de pessoas pelo ambiente geográfico. Mas esse movimento não pode ser confundido com migração, turismo tem um componente econômico e passageiro” (Entrevistado Q).

---

“Turismo é um agente promotor de circulação da economia e trânsito de pessoas” (Entrevistado R).

---

“O turismo tem relação direta com a economia, pois com a circulação de pessoas consideradas turistas e não turistas, aumenta o giro de empresas locais para promover a circulação da economia” (Entrevistado S).

---

Globalmente, embora o turismo tenha sido compreendido como um campo gerador de conhecimento, existem preocupações relativas à sua forma prática. As diferentes perspectivas apresentadas revelaram que entre a ideia de conhecimento, relacionada às possibilidades de desbravar destinos e suas culturas, e a ideia do turismo como área promissora em termos de desenvolvimento econômico, existem lacunas nos aspectos da sustentabilidade dos destinos. Esta perspectiva se expõe na preocupação dos entrevistados quanto aos efeitos das atividades turísticas na comunidade local. Em consonância a estas premissas, algumas respostas associaram o turismo a uma mercadoria resultante do capitalismo. Por fim, a análise das respostas categorizadas evidencia a proximidade de perspectivas entre os dois grupos de entrevistados [Tabela 1], ainda que com breves divergências.

### **4.3 O que turismo? Discussões entre estudantes da área e a sociedade civil**

A economia do turismo sugere o campo como propulsor de desenvolvimento nacional. Embora esta ideia tenha sido mencionada em alguns comentários, nos aspectos sociais das atividades turísticas evidenciou-se duas facetas: para além da economia, a primeira idealiza o turismo como um campo transformador de determinadas realidades; a segunda parece preocupar-se com os impactos coexistentes destas atividades. Entre os grupos de entrevistados este foi o maior consenso evidente.

Na linha de debate sobre os efeitos negativos do turismo, mencionou-se a sustentabilidade como um importante processo no planejamento prático da área. Em contrapartida, o turismo como um fenômeno ambiental foi pouco mencionado. Vale destacar que, nas análises categóricas, o turismo como um fenômeno histórico/cultural foi destacado pela maioria dos entrevistados em ambos os grupos. Em consonância, evidenciou-se um reconhecimento da área geradora de conhecimento. Ressalta-se que estas reflexões estão presentes na coletividade expressa na resposta dos entrevistados [Figura 2 e 3], sendo destacados na tabela 1 comentários exemplificam estas perspectivas.

**Tabela 1.**

Respostas categorizadas | análise do turismo como fenômeno ambiental, econômico, filosófico, histórico/cultural, e social.

<b>Categoria</b>	<b>Estudantes</b>	<b>Sociedade Civil</b>
<b>Ambiental</b>	“É o deslocamento de pessoas de um lugar para outro com a finalidade de conhecer culturas diferentes da sua, vivenciar experiências em ambientes naturais agradáveis e sustentáveis”[...] (Entrevistado T).	“Turismo é prazer, é saúde, é negócio, é cultura, é preservação ambiental, é vida” (Entrevistado U).
<b>Econômico</b>	[...]“atividade econômica condicionada ao deslocamento temporário, fora do entorno habitual, por escolha” [...], (Entrevistado V).	“É explorar comercialmente um lugar /atração. Essa "exploração" se dá por uma troca, onde o lugar/atração oferece uma experiência em troca de uma valor monetário” [...] (Entrevistado X).
<b>Filosófico</b>	“Turismo é uma ciência multidisciplinar voltada a diversos segmentos que são influenciados por este fenômeno, com interação na natureza, cultura, economia e afins” (Entrevistado Y).	“A maneira de adquirir conhecimento e novas formas de culturas. Pode ser seu município, estado, país. Ou de outras nacionalidades” (Entrevistado W).
<b>Histórico/Cultural</b>	“É cultura, história do lugar” [...], (Entrevistado Z).	“Conhecer lugares, culturas e história que fizeram a concretizar algo que tenha relevância em uma cidade” (Entrevistado A2).
<b>Social</b>	[...]”Turismo também é lazer, retorno econômico, mas devemos pensar a atividade para além desse aspectos, pensando nas questões sociais, envolvendo a comunidade local em todos os processos e tomadas de decisões” (Entrevistado B2).	“A prática de relacionar com novos ambientes, locais, culturas e costumes durante viagens e/ou processos de deslocamentos” (Entrevistado C2).

Elaborado pelos autores (2020).

Em grande escala, a categoria de abordagem do turismo como um fenômeno *ambiental* foi impulsionada por comentários em torno da preservação ambiental e da sustentabilidade. Ainda que essa ideia emplacou o pensamento dos dois grupos de entrevistados, os fatores intrínsecos das atividades turísticas foram pouco mencionados, configurando esta categoria como a menos referenciada. Sob este prisma, os aspectos ambientais do turismo pareceram estar articulados à ideia de agradabilidade, conforto e prazer. Estes três elementos podem ser representados pela perspectiva do imaginário turístico. Assim, exemplifica-se a supervalorização da imagem de um determinado país — citando as impressões do Brasil pelo *marketing* das agências de viagem: um destino tropical e paradisíaco. A prevalência destes comentários sugere a ideia de “sombra e água fresca”, em contrapartida às atividades laborais.



Por sua vez, a categoria *economia* foi representada pelo ato da troca de capital por uma determinada experiência turística. Em suma, os entrevistados não atribuem o turismo à ideia de geração de emprego em renda. Raros comentários foram citados nesta linha. O que percebeu-se foi uma relação entre o valor monetário da atividade turística — valor gasto, não de retorno, ainda que em alguns comentários se atribuiu o fenômeno turístico ao desenvolvimento do país. Nesta ideia de desenvolvimento a categoria *social* representou múltiplos olhares. Em maior destaque, enquanto os estudantes demonstraram preocupações relativas aos impactos da atividade turística nas comunidades receptoras, a sociedade civil demonstrou interesse nos papel social transformador do turismo, nas conexões e nos contatos culturais promovidos. Nesta categoria, as diferentes perspectivas encontram-se nos simbolismos da atividade turística frente ao estresse da vida cotidiana, e as possibilidades de entretenimento e lazer.

No que concerne à reflexão mais aprofundada, a categoria *filosofia* revelou o turismo como importante campo global de disseminação do conhecimento. Essa categoria foi mais expressa na visão da sociedade civil, demonstrando uma empatia de conscientização quanto à relevância dos estudos aplicados à área. Destaca-se que em ambos os grupos, a atividade turística foi associada à educação — ainda que no grupo de estudantes foi uma categoria menos valorizada. A maioria dos comentários associou o conhecimento adquirido por meio do turismo ao contato cultural estabelecido por suas atividades. Este prisma vai de encontro a categoria *histórico/cultural* — uma das categorias mais comentadas nos dois grupos. Nesta linha, percebeu-se o interesse dos entrevistados em vislumbrar e compreender a história local presente nas características de destinos turísticos.

À julgar a globalidade presente nas respostas dos dois grupos de entrevistados desta pesquisa, apesar das diferentes perspectivas, percebeu-se um consenso sobre as representações do turismo na sociedade brasileira. Neste sentido, a hipótese de que existe um estranhamento conceitual do fenômeno é refutada. Ademais, ambos os grupos reconhecem, ainda que sutilmente, a relevância dos estudos em turismo. Assim, considerando os aspectos gerais desta pesquisa, além da pergunta norteadora da problemática inicial, há outra pergunta a ser respondida: Existe uma teoria em turismo?

Cabe ressaltar que o turismo é um fenômeno complexo que envolve diferentes visões. Nesta linha, a área não possui uma teoria *sui generis*. Dentro do contexto científico da área, alguns teóricos buscaram analisar o fenômeno turístico em diferentes metodologias (apenas para citar como exemplo, Pinto, Roque & Pereira; Gondim, 2020; Viglia & Dolnicar, 2020) e abordagens utilizadas nas ciências sociais (em visões recentes, Figueredo & Ruschmann, 2004; Panosso Netto, 2007; Bernardo, 2013; Camargo, 2019; e em visões clássicas, Enzensberg, 1958; Leiper, 1979). Essas visões têm sido utilizadas na construção teórica do turismo, mas ainda são suficientes para definir uma epistemologia própria da área. Contudo, a partir das visões teóricas que envolvem o fenômeno turismo, a visão positivista tem sido destaque.

Neste contexto, nos fatores de cientificidade do fenômeno turístico, Panosso e Nechar (2014), afirmam que o turismo não é uma ciência, pois não pode alcançar os patamares estabelecidos pelo classicismo científico, destacando o conceito de ciência de autores das ciências clássicas. Assim, no *status* de disciplina científica, discute-se que é preciso expandir a multiplicidade de olhares em visões aprofundadas, principalmente nos aspectos de rigor científico, unificando a prática e a teoria do turismo para a totalidade de sua compreensão (Fuster, 1974).

## **Considerações Finais**

Desde a ascensão dos estudos do turismo na universidade brasileira os paradigmas sociais de suas atividades como motopropulsores da economia, abrem espaço para reflexões em torno de sua validade disciplinar científica. Enquanto os cenários econômicos nacionais foram influentes nas configurações dos cursos superiores atuais nesta área, paulatinamente percebeu-se preocupações em torno da educação, filosofia, epistemologia e teoria. Assim, nas evidências de que as perspectivas teóricas do fenômeno turístico estão limitadas, reflete-se sobre o que é disseminado na sociedade.

Ao propor a reflexão sobre o que é o turismo, instigou-se a hipótese de que existe uma incompreensão da complexidade do fenômeno. Assim, idealizou-se confrontar as realidades perspectivas entre acadêmicos e a sociedade civil. No decorrer das análises, percebeu-se pontos comuns nas percepções e, de mesmo modo, um distanciamento entre as respostas. Naturalmente, isso irá ocorrer — uma vez que, confrontou-se a teoria aplicada nas discussões em sala de aula com a realidade a que estão expostas visões mercadológicas e a sociedade de um modo geral. Contudo, não se pode deixar de notar que percepções paralelas surgem, é por isso que este artigo torna-se relevante.

Entre o grupo de estudantes há uma série de respostas com descrições técnicas, possivelmente apoiadas nos conceitos da OMT. Isso ocorre porque praticamente em todas as universidades o primeiro contato dos alunos é exatamente com os fundamentos do turismo baseado na atualidade. Em contrapartida, percebeu-se que foram poucos os comentários sobre a importância teórica do turismo. Por sua vez, a sociedade civil pareceu conscientizar-se sobre o conhecimento educacional proporcionado pela área — é exatamente essa provocação que este artigo buscou. Ao confrontar as respostas entre os dois grupos de entrevistados e a literatura notou-se a relevância dos estudos do turismo aplicados em diferentes temáticas e contextos.

Nas análises globais, notou-se que esse debate é extremamente importante e precisa passar pelos muros das universidades e escolas técnicas. É certo que turismo está, e deve estar, atrelado a atividade econômica, pois é uma área que emprega milhões de pessoas ao redor mundo, tendo o papel de principal atividade econômica em muitas cidades. Por outro lado, pode-se destacar o quanto é importante a busca pelo lazer e o ato de viajar diante dos aspectos caóticos da vida cotidiana na sociedade contemporânea. Essas percepções possuem um destaque relevante, contudo, trazem ao debate um campo que necessita ser explorado e

compreendido em sua profundidade.

Ressalta-se que a compreensão sobre o que é turismo pressupõe análises mais amplas e aprofundadas. Os pontos de reflexão devem partir da compreensão das motivações e das necessidades impostas, não só pela sociedade, mas que os indivíduos sujeitam-se quando estão de férias ou possuem um tempo livre, por exemplo. Assim, caberia compreender o turismo para além das características de fenômeno aqui abordadas. Por outro lado, não existem conclusões definitivas, em vista de que devido a pandemia de Covid-19 não alcançou-se um número significativo de entrevistados.

Neste contexto, percebe-se a importância de ampliar esta linha de estudos para outras vertentes e perspectivas. Reflete-se assim, que compreensões mais aprofundadas podem defender definições fidedignas à realidade. É o que se propõe aos futuros estudos. Ademais, as representações do turismo expostas neste artigo, principalmente no grupo de estudantes, atrelam-se a conceitos limitados, deixando de lado percepções que vão além dos conceitos de órgãos representativos. Ao trafegar no que compreende a teoria do turismo, nota-se o leque de possibilidades em torno desta temática.

## **Referências**

Boullón, Roberto C. Planejamento do espaço turístico. Bauru-SP: EDUSP, 2002.

Catramby, Teresa Cristina Viveiros. (2007). Professor - pesquisador: perfil do egresso do curso de licenciatura em turismo. IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós Graduação em Turismo. UAM- 27 a 28 de agosto de 2007. (Disponível em: <https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/4/33.pdf>).

Catramby, Teresa Cristina Viveiros. (2013). Em que cenário foi criado o curso superior de Turismo no Brasil? Anais do XXVII Simpósio Nacional de História, Natal/RN.

Celeste Fiho, Marcionilo (2012). A institucionalização do turismo como curso universitário - décadas de 1960 e 1970. Revista Iberoamericana de Turismo – RITUR, Penedo, vol. 2, n. 2, p. 4-22, jul./dez. 2012. (Disponível em: <http://www.seer.ufal.br/index.php/ritur>

Cortezi, Antonio Afonso; Lara, Clézio Antonio & Oliveira, Paulo de Tarso. (s/d). Os desafios do ensino superior de turismo sob o ponto de vista exigido para o acadêmico. Disponível em: <https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/23-os-desafios-do-ensino-de-turismo.pdf>. Acesso em 05 de jun. de 2020.

Dencker, A. F. M. (2007). “Métodos e técnicas de pesquisa em turismo”. São Paulo: *Futura*,

ed. 4. científica”, São Paulo: *Atlas*.

Falcão, Marcius Tullius Soares. *Sociologia do turismo: semestre I.* / Marcius Tullius Soares Falcão; Coordenação Cassandra Ribeiro Joye. - Fortaleza: UAB/IFCE, 2010.

Jafari, Jafari. (1994). La cientifización del turismo. *Estudios y Perspectivas en Turismo*, Buenos Aires, 3 (1) 7-36.

Krippendorff, Jost. *Sociologia do Turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989, 236p.

Luckesi, Cipriano Carlos. *Fazer universidade: uma proposta metodológica*. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2005. 231 p. ISBN: 8524901608.

Marconi, M. de A. , Lakatos, E. M. (2003). “Fundamentos de metodologia

Martins, Solismar Fraga. *Turismo, gentrificação urbana e (des) alojamento local na cidade de Lisboa – Portugal*. Vol. 23, 2019. *Geografia Ensino & Pesquisa*. Publicação Contínua.

Matias, Marlene. (2002). *Turismo: formação e profissionalização - 30 anos de história*, Editora Manole.

Mota, Keila Cristina Nicolau. (2003). Concepção de um planejamento sustentável da educação superior em Turismo e Hotelaria no Brasil. *Revista Turismo em Análise*, Vol. 14 n. 2, p. 103-126.

Mota, Keila Cristina Nicolau; Almeida, Juliana Vieira de. (2016). Educação superior em turismo, hospitalidade e lazer no Brasil: Análise do panorama de cursos ofertados frente ao contexto contemporâneo. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, n. 26, p. 65-77

Panosso Netto, Alexandre (2011). *Filosofia do turismo: teoria e epistemologia* [2º ed.]. Aleph: São Paulo, Brasil.

Panosso Netto, Alexandre, & Trigo, Luiz Gonzaga Godoi. (2010). Indicadores de cientificidade do turismo no Brasil. *Revista Turismo & Desenvolvimento = Journal of Tourism and Development*, nº 13/14, p.p. 387-397.

Panosso Netto, Alexandre. (2005). *Publicações em turismo no Brasil*. In: Trigo, Luiz Gonzaga Godoi et. al. *Análises regionais e globais do turismo brasileiro*, Editora Roca, p. 257-273, São Paulo.

Panosso Netto, Alexandre; Calciolari, Guilherme Farinazzo de Mello. (2010). Quantos são os Livros Teóricos de Turismo publicados no Brasil? Uma Análise da Produção Bibliográfica nacional (1990, 2010). *Revista Turismo em Análise*, vol. 21, nº3, São Paulo, Brasil.

Panosso Netto, Alexandre; Nechar, Marcelino Castillo.(2014). Epistemologia do turismo: escolas teóricas e proposta crítica. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*. São Paulo, 8(1), pp.120-144, jan./mar. 2014.

Panosso Netto, Alexandre; Trigo, Luiz Gonzaga Godoi. (2003). *Reflexões sobre um novo turismo*. Editora Aleph: São Paulo.

Panosso Netto, Alexandre; Trigo, Luiz Gonzaga Godoi. (2010). A recente história do turismo brasileiro (1970-2010). *Revista Turismo & Desenvolvimento*, nº13/14.

Pavel, Fabiana. *Transformação urbana de uma área histórica: o Bairro Alto: reabilitação, identidade e gentrificação*. Lisboa, 2015. Tese [Doutorado em Arquitetura] – Faculdade de Arquitectura, Universidade de Lisboa.

Price, D. D. S. (1975). *Little Science, Big Science, (O desenvolvimento da ciência)*. Trad. Simão Matias e Gilda Maria Braga. Rio de Janeiro. Livros técnicos e científicos, Editora S.A., 96p.

Raimundo, Sidnei. *Em busca da Sustentabilidade perdida: lazer e turismo diante das desigualdades socioambientais*. 1 ed. Curitiba: Appris, 2019.

Rejowski, Mirian. (1992). Importancia de la comunicaci3n t3cnico-científica para el desarrollo del turismo no Brasil. *Estudios y Perspectivas en Turismo*, Buenos Aires, Ciet, v.1, n. 4 , p. 301-310.

Rejowski, Mirian. (1994). Pesquisa em Turismo nas universidades brasileiras. *Revista Turismo em Análise*. Vol. 5. n. 1, p. 49-66

Rejowski, Mirian. (1996) *Turismo e pesquisa científica: pensamento internacional x situa33o brasileira*. 4a Ed., Campinas: Papirus, p. 167.

Rejowski, Mirian. (1997). *Realidade Turística nas pesquisas científicas: vis3o de pesquisadores e profissionais*. Tese de livre doc3ncia, ECA - USP, S3o Paulo.

Santos, Glauber Eduardo de Oliveira; Kadoka, D3cio Katsushigue. *Economia do turismo*. S3o Paulo: Aleph, 2012.

Severino, A. J. (2013). “Metodologia do trabalho científico”. S3o Paulo: *Cortez*.

Smith, Neil. *The new urban frontier: gentrification and the revanchist city*. London: Routledge, 1996.

Tribe, J. (1997). The indiscipline of tourism. *Annals of Tourism Research*, 24(3), pp.638–657.